

09/12/98  
27/12/98

# Usina inunda paraíso ecológico em São Paulo

Cesp alagará 225 mil hectares, afetando 22 espécies de anfíbios, 37 de répteis, 298 de aves e 60 de mamíferos

Wagner Gomes

Enviado especial da Agência O GLOBO

• PORTO PRIMAVERA (SP). Um paraíso ecológico, com várias espécies de animais e sítios arqueológicos, no Sudoeste do Estado de São Paulo, está hoje debaixo d'água. Para colocar em funcionamento em janeiro a Hidrelétrica de Porto Primavera, a Companhia Energética de São Paulo (Cesp), empresa do Governo do estado, inundou, para a formação do reservatório da usina, 146 mil hectares, ou algo em torno de 1.460 quilômetros quadrados das margens do Rio Paraná, na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul, com consequências ainda imensuráveis para o meio ambiente da região.

As águas continuarão subindo e chegarão a um total de 225 mil hectares (2.250 quilômetros quadrados) alagados nos próximos anos quando as 18 turbinas de Porto Primavera estiverem em funcionamento. Com isso, a usina terá o quarto maior lago artificial do Brasil, maior até que Itaipu, transformando-se numa grande ameaça à fauna e flora da região, segundo denúncias de ambientalistas que contestam a obra na Justiça.

## Companhia tem programa de retirada de animais

Animais como a onça preta, o cervo do Pantanal e o jacaré do papo-amarelo estão ameaçados pela formação do grande lago. Os danos ao meio ambiente só não serão maiores porque a Cesp pôs em prática, há pouco mais de um mês, quando o enchimento do lago começou, a operação de resgate de animais, embora sem impedir, mesmo assim, que muitos morressem nas águas.

Dos 27 mil animais recolhidos até o último dia 20, segundo a própria Cesp, apenas uma pequena parte é de vertebrados. Bichos como macacos, que conseguem ficar nas copas das árvores, têm chances de sobreviver. Mas segundo os moradores da região, são poucos os animais pesados como onças ou o cervo do Pantanal que são resgatados pelas equipes da Cesp, que informa ter dez programas de preservação de animais.

Os ecologistas afirmam que as providências tomadas pela companhia não são suficientes para assegurar o equilíbrio ambiental na região. Segundo a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), inúmeras espécies correm risco.

O advogado Márcio Cammarosano, presidente da Comissão de Meio Ambiente da OAB-SP, que assina uma ação contra a Cesp para impedir que o lago continue enchendo, diz que 22 espécies de anfíbios, 37 de répteis, 298 de aves e 60 de mamíferos estão sendo afetadas.

## Cesp conseguiu derrubar pedido de liminar contra usina

A Cesp conseguiu derrubar o pedido de liminar feito pela OAB para barrar o início das operações, dizendo que tomou todas as precauções para garantir a sobrevivência da fauna e da flora na área alagada. Os animais, de acordo com a Cesp, estão sendo rastreados via satélite e por um helicóptero, que passa as informações para 12 equipes de resgate que se movimentam em barcos pela represa, resgatando os animais.

Mesmo assim, vários animais não conseguem sobreviver, como admitiu o diretor de Meio Ambiente da Cesp, Daniel Salati Marcondes. O mesmo acontece com grandes extensões de florestas e uma variedade enorme de espécies da flora. A Cesp disse que só saberá o número de espécies de animais que estava na região depois que os técnicos fizerem a identificação dos animais capturados.

Sobre os sítios arqueológicos, a empresa disse que as cerâmicas indígenas e as urnas fúnebres, que existiam na área alagada, foram levadas para os acervos de várias universidades brasileiras.

Ao todo, de acordo com Djalma Wessort, presidente da Associação em Defesa do Rio Paraná, Afluentes e Mata Ciliar (Apoema), uma organização não-governamental, são 500 espécies de vegetais e 500 de animais que serão

atingidos pelas águas da represa. Wessort diz que exige da empresa a criação de áreas de conservação ambiental. Até agora, a Cesp destinou nove mil hectares para parques no Estado de São Paulo e 73 mil hectares para o Estado de Mato Grosso do Sul.

A sobrevivência de dezenas de espécies de peixes também está ameaçada. O número de peixes, segundo o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e os pescadores da região, diminuiu bastante no Rio Paraná depois do fechamento das comportas. Não existe maneira de fazer os peixes subirem o rio. A escada e o elevador que estão sendo construídos pela Cesp para o transporte de peixes ainda estão em fase de experimentação. E a época do fechamento das comportas coincide com a Piracema (época em que os peixes sobem os rios para desovar), o que agrava a situação.

O chefe do escritório regional do Ibama, Eduardo Albernaz, diz que a pesca e o resgate de animais que não foram recolhidos das áreas inundadas da Usina de Porto Primavera deverão ser os maiores problemas a ser enfrentados, embora o órgão tenha concedido autorização para a formação da represa.

— O lago começou a ser cheio na época errada. Eu não admito até agora que as comportas tenham sido fechadas no período da piracema, quando os peixes deixam uma região para se reproduzir em outros lugares — disse o funcionário do Ibama.

## Sistema de escadas para peixes subirem não é satisfatório

Com o fechamento das comportas, o peixe não tem por onde subir o rio. Algumas escadas foram construídas para transportar os peixes, mas o resultado não é dos melhores, admitiu o diretor geral de Meio Ambiente da Cesp, Daniel Salati Marcondes.

Alguns elevadores estão sendo construídos pela empresa para transportar os peixes, mas ainda há muito questionamento sobre sua eficiência. Na prática, as eclusas que transportam os navios de um reservatório para outro são as que mais contribuem para a passagem dos peixes, já que eles acabam entrando junto com os navios. O processo de eclusagem, no entanto, está parado desde a semana passada. Marcondes garantiu que ainda nesta semana tudo estará resolvido.

Segundo Albernaz, do Ibama, a barragem está sendo construída há 18 anos e a operação de transporte dos peixes poderia ser menos dolorosa, sem estragos para o meio ambiente.

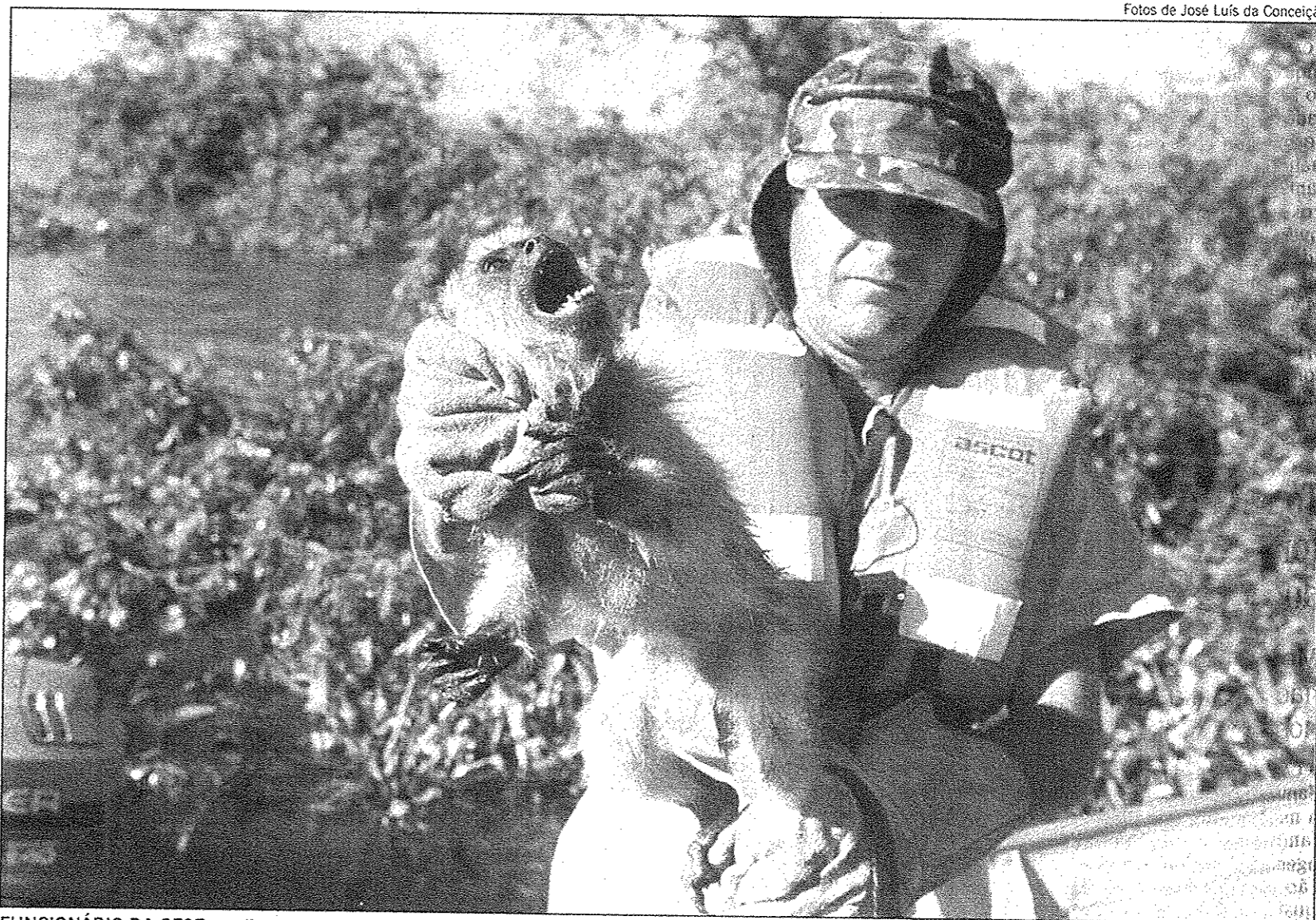
— Costumeiramente, as eclusas abrem cinco vezes por dia para ajudar na piracema, que começa em 31 de julho e vai até o fim de fevereiro. A multa que a Cesp recebeu do Ibama foi irrisória, de R\$ 496, segundo o diretor do órgão. Mas pelo menos a Cesp terá que cumprir algumas exigências se o processo que colocamos no Ministério Público estadual e federal para repovoamento dos peixes no rio for aprovado — comentou.

## Ibama pede repovoamento de peixes no Rio Paraná

O Ibama pede que um milhão de peixes pequenos (alevinos) sejam repovoados pela empresa no Rio Paraná, anualmente, num período de três anos.

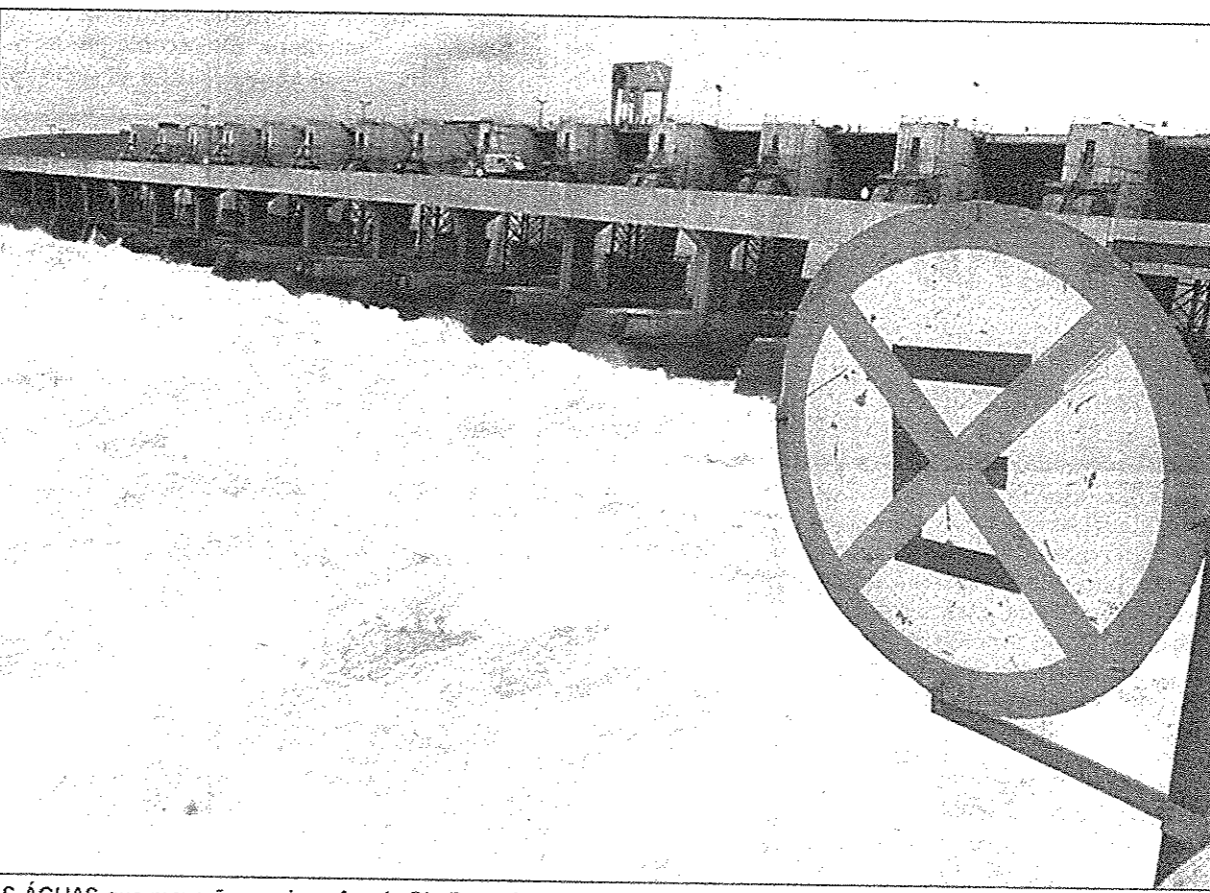
Já no resgate de animais, o argumento de Albernaz é que estão sendo capturados poucos vertebrados. Dos 20.803 animais resgatados até o dia 10 pelas 12 equipes da Cesp, apenas 910, menos de 5%, eram macacos, cervos do Pantanal, raposas e onças, entre outros. Albernaz reclamou que na lista dos bichos capturados havia até formiga. O engenheiro florestal Eduardo Santarelli, da Cesp, disse que a empresa está fazendo um bom monitoramento das áreas que foram encobertas pelas águas.

Ao todo, desde 1992, foram capturadas oito onças, sendo que quatro foram enviadas para zoológicos brasileiros. Marcondes diz que com as enchentes naturais do rio, em épocas anteriores, os animais já ficaram mais treinados para fugir. ■



Fotos de José Luís da Conceição

FUNCIONÁRIO DA CESP recolhe um macaco numa das áreas alagadas pela construção da Hidrelétrica de Porto Primavera: os ecologistas estão preocupados



AS ÁGUAS que moverão a usina vêm do Rio Paraná e produzirão o quarto lago artificial do Brasil, maior que o de Itaipu

## Uma obra polêmica desde o projeto

Em 2004, área inundada será de 2.250 quilômetros quadrados

• PORTO PRIMAVERA (SP). A inauguração da Usina Porto Primavera, marcada para o próximo dia 22 de janeiro, não vai ser menos polêmica do que o próprio projeto de construção, que foi iniciado há 18 anos. A primeira das 18 turbinas geradoras de energia elétrica vai começar a funcionar sob a sombra de uma obra que custou mais de US\$ 9 bilhões (quando a previsão inicial era de cerca de US\$ 4 bilhões).

A Cesp tem feito acordos com todos os que tentam impedir a inauguração. Mas ainda é difícil saber se os recursos já foram esgotados. O promotor de Justiça do Meio Ambiente de Presidente Prudente, Néelson Bugalho, disse que a companhia conseguiu a licença de operação porque assinou acordo com o Ministério Público que incluiu 80 itens de proteção ao meio ambiente, como recolhimento de animais e proteção da fauna e da flora. O acordo também prevê a remoção total das famílias que residiam no local agora alagado. Se a empresa descumprir o acordo, terá que pagar uma multa de R\$ 100 mil por cada um dos 80 itens propostos, engordando ainda mais a dívida da empresa.

— A obra é muito grande e por muito tempo causará problemas para a empresa — comentou um executivo da Cesp, que deverá ser privatizada no ano que vem.

Serão cerca de 2.250 quilômetros quadrados de área inundada entre São Paulo e Mato Grosso do Sul quando todos os equipamentos estiverem funcionando, em 2004, segundo a direção da empresa. Para as primeiras três turbinas entrarem em funcionamento (o que acontecerá no prazo de um mês a partir da inauguração), a represa foi ampliada em cem mil metros quadrados, fazendo com que o Rio Paraná subisse mais dez metros na região da barragem — o rio já estava a cinco metros do nível normal.

A barragem é a quarta do país em área inundada, só perdendo para as usinas de Sobradinho (BA), Tucuruí (PA) e Balbina (AM). Em extensão,

não perde para ninguém: seu comprimento é de 11.380 metros. Cada turbina tem capacidade para gerar 100 megawatts de potência, o que daria para suprir a demanda de energia de 400 mil habitantes. O nível de água atual da represa permite que até cinco turbinas estejam funcionando. Em outubro do próximo ano será iniciada a segunda etapa do projeto, com a inauguração da quarta turbina. A quinta geradora de energia estará em operação em março de 2000, e daí por diante, a cada três ou quatro meses, uma nova máquina estará sendo instalada.

O projeto acabou se tornando muito caro por causa das várias interrupções da obra. Este ano mesmo, a inauguração da usina, marcada para julho, foi adiada. Deixar de construí-la poderia causar, ainda, um custo adicional. Alguns equipamentos foram comprados antecipadamente e tiveram que ficar estocados em lugares especiais.

Entre os custos da obra estão as indenizações das cerca de 1.100 famílias que moravam na região alagada e, ainda, o pagamento das terras que os fazendeiros venderam para a Cesp para servir de assentamento, segundo Edson Inácio, assessor de gabinete da Prefeitura de Presidente Epitácio, região do Pontal do Paranapanema que teve o maior número de famílias realocadas (516).

— A empresa pagava a indenização para uma família e logo em seguida vinham outras pessoas morar no mesmo local. Não era possível controlar o número de pessoas porque a terra das ilhas pertencia à União — disse.

Segundo Inácio, o acordo para esvaziar a área teria resultado se o processo de enchimento da represa fosse rápido.

O diretor-geral de meio ambiente da Cesp, Daniel Salati Marcondes, explicou que ao todo foram gastos até agora R\$ 250 milhões em despesas com indenizações e outros projetos de recuperação ambiental. Foram feitos seis reassentamentos: três no estado de São Paulo e outros três no Mato Grosso do Sul.

## Para os moradores, o drama veio com a chegada das águas

Adalto enfrenta insetos enquanto espera casa prometida pela Cesp

• PORTO PRIMAVERA (SP). Nos últimos oito anos, Adalto Pereira de Oliveira, de 66 anos, não se preocupou em ter o que comer e onde morar. Arrendatário da Fazenda São José, à margem do Rio Paraná, em Bataguçu, no Mato Grosso do Sul, Adalto vivia do plantio de bananas desde que chegou de sua terra natal, o Ceará. Ele dava 15% de tudo o que plantava ao proprietário da fazenda e ficava com o resto. Mas há quatro meses ele vive um drama: a fazenda foi vendida para a Cesp para formação do lago e ele foi levado por um oficial de Justiça para a Vila Porto XV, área quase submersa pelas águas.

Adalto foi um dos únicos moradores que sobraram na região. As 1.100 famílias que habitavam a área alagada para a formação do lago, entre Porto Primavera e Jupiá, já deixaram o local e estão alojadas hoje em assentamentos da Cesp em toda a região. Viúvo, Adalto divide uma cama com o filho de 9 anos, num barraco a cinco metros das águas.

— Saio no mesmo dia que eles quiserem. Durmo numa cama com mosquiteiros para proteger meu filho — disse Adalto.

## Lacraias se alastram na região alagada e assustam moradores

Do outro lado do Rio Paraná, no município paulista de Presidente Epitácio, a situação não é diferente. Há um mês, quando as águas invadiram uma parte da região, 190 famílias tiveram que deixar suas casas, inclusive os que moravam nas ilhas do rio. Elas tiveram maior sorte que Oliveira. Ganharam terreno e, em alguns casos, até indenizações que vão de R\$ 2 mil a R\$ 18 mil, mas ainda estão à espera de uma moradia definitiva e da preparação da terra para o plantio, segundo uma promessa da Cesp. Cada um recebeu da empresa uma média de 5 a 7 alqueires para o plantio. Hoje, essas 190 famílias moram em barracões construídos provisoriamente há dois quilômetros do centro de Presidente Epitácio.

O problema, segundo Roberto Borges Colegnac, que teve de deixar a região submersa e vive há um mês nos barracões de Presidente Epitácio, são as lacraias, da família do escorpião, que viraram praga na região alagada. O filho Tiago, de 7 anos, é um caçador nato de lacraias.

— Mato as lacraias com óleo diesel — diz Tiago, que as caça sem muito trabalho. ■